



Um ano depois do pesadelo em águas rasas, Watley (à esquerda) e Anderson estão de volta ao mar.

Ataque de tubarão — em terra

Um dia rotineiro termina em
12 minutos atrozés

POR ANDREA COOPER

CHUCK ANDERSON respirou fundo ao entrar nas águas agitadas da praia de Gulf Shores, Alabama. Era um dia enevoado mas bonito e, mesmo às 6h30, já estava quente. Várias vezes por semana, Anderson, 44 anos, diretor-assistente e ex-treinador de futebol da Robertsdale High School, em Robertsdale, treinava com amigos para triatlos. Nadavam, corriam e pedalavam, às vezes as três ativida-

des num só dia. Hoje o plano era nadar 1,5 quilômetro e pedalar 65 quilômetros. Com físico avantajado – 1,83 metro de altura e 100 quilos –, Anderson havia vencido mais de 30 triatlos, e queria mais.

Mesmo depois de treinar por sete anos e nadar várias vezes no Golfo do México, ainda se sentia apreensivo ao entrar na água. O motivo não era a temperatura, fria porém refrescante para junho. Nem mesmo as raias, embora uma vez tivesse pisado em uma nessa praia e recordasse a sensação do veneno penetrando-lhe o organismo enquanto dirigia até o hospital. O problema eram os tubarões.

Anos antes, passara um verão comandando um barco arrendado para mergulho na região das Keys, na Flórida. Havia olhado alguns tubarões nos olhos – e nos dentes – através da máscara. Acreditava que tinha a precaução que nasce da experiência.

Tubarões eram comuns no golfo e, às vezes, ele e os companheiros agarravam o tornozelo um do outro na água para ver quem gritava. No entanto, não havia registro de ataque não provocado nas praias do Alabama. Naquela manhã, Anderson encontrou-se na praia com dois parceiros de treino, Karen Forfar, 63 anos, e Richard Watley, 55, e caíram juntos na água. Como sempre, Watley nadou em direção a algumas bóias – muito afastadas da costa para o gosto de Anderson. Mas Watley sempre fazia tudo a seu modo.

Eles tinham uma insólita amizade. Em uma competição, no início dos

anos 90, um desconhecido emparelhou com Anderson e provocou: “Gorducho, você não vai ganhar de mim.” Depois da corrida, Watley aproximou-se do adversário, estendeu a mão e se apresentou. Decidiram treinar juntos – o diretor-assistente de escola com título de mestre e o barbeiro cujo passado incluía serviço no Vietnã como especialista em demolição.

KAREN E ANDERSON passaram nadando por um bar cujo píer havia sido arrasado por um furacão. Os pilares submersos eram um perigo. Quando Anderson chegou ao local, parou para alertar Karen sobre eles. Deu uma olhada no relógio: 6h38. Um vento forte começava a agitar o mar, mas eles estavam fazendo um bom tempo. Foi então que Anderson esbarrou em algo, na altura dos quadris, fazendo seu corpo girar parcialmente. Teve a estranha sensação de que não se tratava de um pilar.

Era um tubarão.

Anderson se aprumou na água com três metros de profundidade e gritou para Karen: “Tubarão! Tubarão! Saia!” Imediatamente Karen nadou para a praia. Anderson enfiou o rosto na água, os olhos abertos. O tubarão estava a meio metro de distância e vinha para cima dele. Meu Deus! A cabeça era enorme, a maior que ele já vira. Os olhos eram escuros e frios. Uma onda de terror o invadiu.

“Não! Pare!”, gritou, como se repreendesse um cachorro. Anderson encontrara cães em suas corridas e

sempre os enxotara. Mas barulho não ia repelir um tubarão. Anderson, por instinto, recuou com os braços estendidos e as mãos espalmadas para a frente. O tubarão atacou, decepando-lhe quatro dedos da mão direita. O sangue esguichou, tingindo a água.

Então seu condicionamento de atleta assumiu o controle. Quando era treinador, ensinava os jogadores a ignorar distrações. A banda podia estar tocando, os espectadores aplaudindo ou vaiando, mas eles tinham de se concentrar. Agarrou-se a um único pensamento: *Vou viver.*

Com as ondas lhe fustigando o rosto, Anderson moveu-se em direção à praia. O tubarão o seguia em círculos - um submarino vivo e cinzento apontado para ele. O animal investiu e raspou sua barriga. *Não tenho certeza se me atingiu,* pensou. Mas atingira, abrindo um ferimento de cinco centímetros de largura.

Anderson pouco avançava em direção à praia. O sangue jorrava da mão. *Não estou indo rápido o bastante,* percebeu. O tubarão atacou de novo. Quando Anderson estendeu os braços para repelir o ataque, o tubarão agarrou seu antebraço direito, girou o corpo e mergulhou, arrastando-o para o fundo. O nadador lutava com desespero, batendo a mão esquerda contra a pele impenetrável do tubarão. O monstro tornou a girar, sacudindo a cabeça de um lado para o outro. Estava tentando arrancar o braço de Anderson.

Finalmente o animal nadou para a

superfície, dando-lhe chance de retomar o fôlego. Mas logo mergulhou de novo e arrastou seus pés no fundo do golfo. De repente, estavam em águas rasas, que lhe batiam na altura do joelho - era um banco de areia.

Anderson lutou para se erguer, o braço ainda preso na boca do tubarão. Um terço do corpo do animal

A cabeça era enorme e os olhos, frios.

Uma onda de terror o invadiu.

estava sobre o banco de areia. Media no mínimo dois metros. Anderson viu os dentes pela primeira vez. Afiados como navalha, serrilhados, rasgando seu braço.

Anderson reagiu. Sentiu uma fúria animal. "Desgraçado! Você não vai me separar dos meus filhos!", gritou. Forçava o braço para cima e para baixo, tentando se desvencilhar. Embora tubarões sejam praticamente silenciosos, Anderson escutou um ruído sinistro. Algo estalou. O impulso o atirou para trás no banco de areia.



A amizade dos atletas se fortaleceu ainda mais depois do ataque.

Seu antebraço direito ainda estava na boca do tubarão. Anderson não pôde mais olhar a imagem horripilante.

Sentiu o osso, uma sensação de formigamento, e cambaleou para a praia com o braço erguido, fora de seu campo de visão, com medo de desmaiar se o visse. Karen correu para ajudar. Anderson gritava: "Watley! Saia da água!"

Ao OUVIR um grito distante, Richard Watley a princípio não ergueu os olhos, imaginando que se tratasse de algo sem gravidade. Quando examinou a praia, a uns 30 metros de distância, viu o amigo curvado, agarando o braço.

Com 1,72 metro e 80 quilos, ele não se considerava um nadador nato,

mas era durão. Uma vez Anderson o descrevera como um sujeito dotado de tal autocontrole que poderia sorrir para um cão que o atacasse.

Nadando em direção à praia, Watley sentiu o joelho bater em algo sólido e esponjoso. *Provavelmente um tronco*, pensou, e tentou recomeçar a nadar. Entretanto, não saiu do lugar, e viu-se estirado sobre a água. *Mas que diabo é isso?*, pensou. Achou que tinha encalhado.

Havia algo embaixo dele. Viu a cabeça, os olhos escuros, a boca aberta. Um tubarão. *Foi ele que pegou Chuck*, deu-se conta. E agora queria pegá-lo.

Watley ofegou, empurrando o tubarão e conseguindo de alguma forma afastá-lo. Sua mente fixou-se em uma única idéia: *Ou você se acalma ou vai morrer.*

Seu golpe abriu 1,5 metro de distância entre eles. Watley não gritou, não falou, apenas se concentrou no que tinha de fazer. Assim que o tubarão avançou, segurou-lhe com firmeza o focinho, usando toda a força para manter as mandíbulas afastadas. O tubarão contorceu-se, aparentemente surpreso. Watley cerrou o punho e esmurrou-lhe o focinho. Era como o material rígido do volante de um carro. Sua mão latejava.

Ergueu os olhos em direção à costa, tentando calcular a distância. Uma estranha calma o invadiu. *Estou muito longe*, pensou. *Vou morrer. Mas não sem lutar.* Na Guerra do Vietnã ele havia experimentado

uma sensação de medo controlado. Existia o medo, mas também o medo inteligente. Watley optou pelo segundo.

Rumou para a praia, acompanhando a sombra escura que circulava no sentido anti-horário abaixo dele. Quando o tubarão emergiu, Watley agarrou-lhe a cabeça. Segurou com força enquanto o animal o atirava para a frente e para trás, para cima e para baixo. Sentiu os dentes que lhe perfuraram a coxa, deixando um corte medonho de dez centímetros, nítido como o talho de uma faca.

O animal o largou e recomeçou a nadar em círculos. Quando voltou a atacar, Watley agarrou-lhe o focinho com a mão esquerda e empurrou com a direita. O tubarão recuou mais uma vez, dando-lhe alguns segundos para nadar rumo à costa. Watley nadou com todas as forças por uns seis segundos e olhou para trás. Nenhum sinal do tubarão.

De repente, surgindo do nada, o animal investiu com velocidade. Desesperado, Watley agarrou sua cabeça. O tubarão recuou, erguendo-o acima da água. Segurando a nadadeira do animal, Watley jogou seu peso sobre ele. As guelras ficaram expostas e Watley as esmurrou com toda a força. O tubarão agitou as nadadeiras e se desvencilhou.

Mais uma vez, Watley nadou em direção à praia, com o tubarão em seu encalço. Mas o ataque seguinte não foi tão feroz e então os pés de Watley tocaram a areia do fundo. O tubarão o empurrara para perto da praia. Watley estava com a água pela cintura. Quando uma onda os encobriu, agarrou o tubarão com uma das mãos e o levou para o fundo, esmurrando-o com a outra, os golpes amortecidos pela água. Surpreendentemente, o tubarão bateu em retirada. E uma onda empurrou Watley definitivamente para a areia.

Ao chegar à praia, viu pessoas aglomeradas no deque - Anderson entre elas. Sentiu uma explosão de alegria.

Nove dias depois, Chuck Anderson comemorou o Dia dos Pais no hospital, com seus pais e filhos. No total, submeteu-se a nove operações e enxertos de pele para salvar o cotovelo. Richard Watley não sofreu ferimentos graves.

Os dois logo voltaram a treinar, mas Anderson levou algum tempo para se acostumar à água. Não por medo, e sim porque precisou adaptar as braçadas à nova prótese. Em abril de 2001 participou de seu primeiro triatlo depois do ataque e venceu em sua categoria.

TRATAMENTO IMPOSSÍVEL

Sofro de eczema e o médico me receitou uma pomada de cortisona para as mãos. As instruções de uso do medicamento diziam: "Lave as mãos após cada aplicação."

CARMEN CHAGNON, Canadá